

o poço constatou reservatórios turbidíticos campanianos saturados de óleo de 29,9° API, em traça estratigráfica; apesar da boa qualidade do fluido presente, os testes efetuados no poço revelaram baixíssima produtividade em função das baixas permeabilidades do reservatório.

## a exploração na Petrobras no contexto da Nova Lei do Petróleo

Em 1996 foi realizada a última grande descoberta ainda sob a égide do monopólio estatal do petróleo, o Campo de Roncador, na porção nordeste da Bacia de Campos. Esse campo foi descoberto pelo poço pioneiro 1-RJS-436A, localização proposta em 1989, que se posicionava em 1 853 m de profundidade de água; tal posição batimétrica da acumulação de Roncador constituiu um recorde mundial àquela época. O poço encontrou um *net pay* total de 153 m em turbiditos maastrichtianos, dos quais somente a parte superior estava associada às anomalias de amplitude sísmica observadas (fig. 34). O volume de óleo *in place* do campo é da ordem de 9 bilhões de barris e as reservas são estimadas em 2,6 bilhões de barris de óleo-equivalente.

Com a promulgação da Lei 9.478/97, em 06/08/1997, a Petrobras passou a explorar petróleo somente em concessões autorizadas pelo Governo Federal. Em uma primeira etapa, em 1998, foram assinados 115 Contratos de Concessão de blocos exploratórios em diversas bacias sedimentares brasileiras, com duração prevista de três anos. Conforme preconizado em Lei, os blocos foram concedidos naquelas áreas onde a Petrobras já havia efetuado investimentos e identificado oportunidades exploratórias. Desde então, a Petrobras tem atuado pelo regime de concessões, com um dinâmico portfólio exploratório adquirido em licitações.

Em 1999, a Bacia do Amazonas daria sua primeira resposta positiva ao persistente esforço exploratório que nela fora empreendido. O poço 1-RUT-1-AM, situado cerca de 200 km de Manaus,

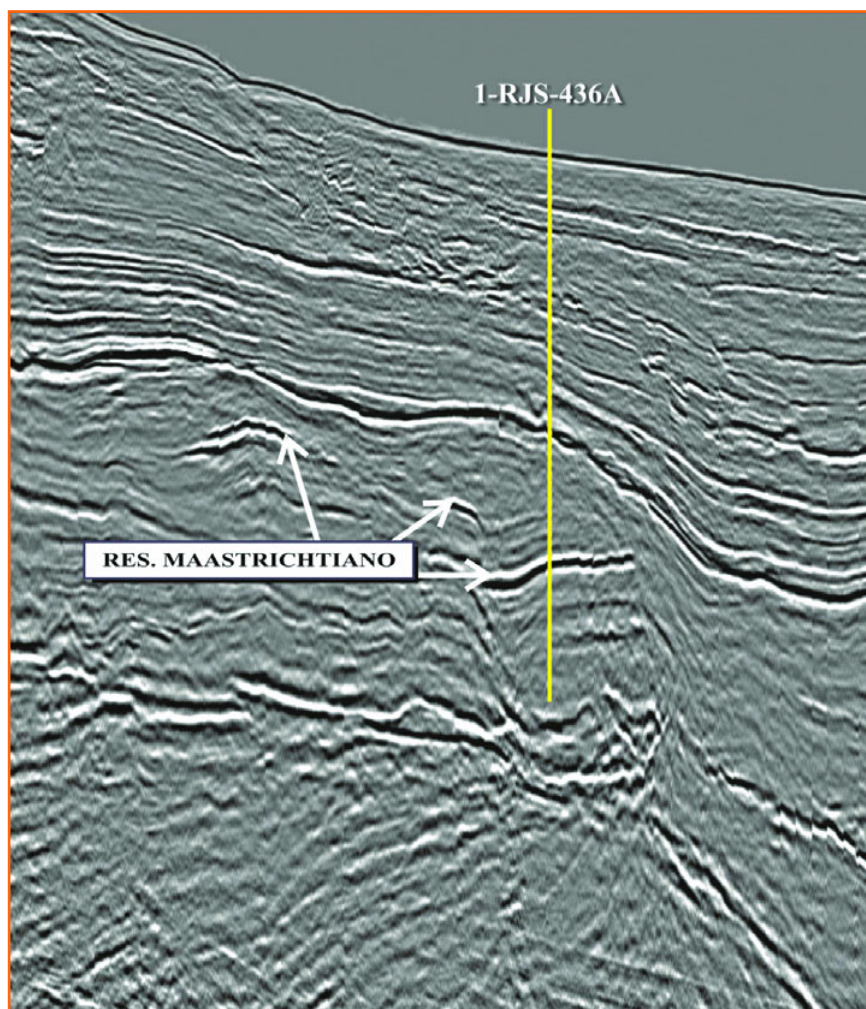


Figura 34

Seção sísmica do Campo de Roncador, Bacia de Campos.

Figure 34

Seismic section of the Roncador Field, Campos Basin.

encontrou gás comercialmente explotável em arenitos lenticulares, erráticos, da Formação Nova Olinda, neocarbonífera. A proposta original da localização tinha por objetivo os arenitos eocarboníferos da Formação Monte Alegre; curiosamente, décadas foram empreendidas na busca de petróleo nessa unidade, em função de suas características favoráveis como rocha-reservatório, geometria tabular e ampla área de ocorrência na bacia.

Nesse período, a exploração na Bacia de Campos alcançava as águas ultra-profundas. O novo contexto tectono-sedimentar até então desconhecido traria imensas dificuldades à exploração, e a aplicação dos mesmos modelos geológicos até então testados e responsáveis por elevados índices de sucesso passaram a não responder a contento. Num grande esforço de integração de dados e de experiências, repensaram-se os sistemas